

## **DISCUTINDO AS DIFERENTES FACES DO BULLYING: UM OBSTÁCULO À INCLUSÃO EDUCACIONAL?**

Francisco Wallis Sousa rodrigues<sup>1</sup>  
Francisco Lucas de Lima Carneiro<sup>2</sup>  
Erika Sâmia Pereira Monte<sup>3</sup>  
Maria Cleidiane Cavalcante Freitas<sup>4</sup>

### **RESUMO**

A violência escolar pode ser considerada como um distúrbio que assola os espaços de aprendizagem, e ao apresentar sua face mais conhecida nesses meios, o *bullying*, acaba por provocar um *déficit* que atrapalhará o desenvolvimento presente e futuro dos envolvidos. Na última década, as pesquisas relacionadas ao *bullying* tem sido crescente, outro ponto interessante são as elaborações de leis com a finalidade de inibir ações violentas entre as pessoas — crianças e adolescentes —, e embora essas ações de proteção não sejam tão maduras, vem propiciando um olhar mais delicado para o assunto. A inclusão educacional nesse sentido deverá estar à frente como uma ferramenta pensada para diferentes cenários, além de que a participação da família e escola serão fundamentais. Esse artigo, se desenvolveu a partir de uma análise bibliográfica de obras que discutem a violência escolar e *bullying*, logo busca-se refletir como essa forma de violência escolar tem persistido dentro das escolas, suas possíveis causas e efeitos, além das possibilidades para uma educação inclusiva no contexto escolar, tendo em vista o comprometimento dessa prática.

**Palavras-chave:** Violência escolar, *Bullying*, Inclusão educacional.

### **INTRODUÇÃO**

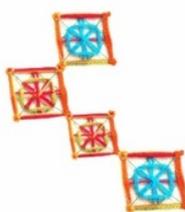
Viver em sociedade foi um processo demorado e desenvolvido ao longo do tempo, que substancia a história da humanidade. A sociedade é onde um conjunto de indivíduos compartilham de mesmo meio, e baseados em princípios buscam se manter de forma organizada. A funcionalidade desse processo estará sujeitada a pessoas, uma vez que se caracterizam por serem racionais, possuir linguagem específica, serem dotadas de consciência e controlar suas decisões, além de serem moralmente valorizadas ou ainda respeitadas (BLACKBURN, 1997).

1 Graduando no curso de Licenciatura em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE/Quixadá), [francisco.wallis.sousa06@aluno.ifce.edu.br](mailto:francisco.wallis.sousa06@aluno.ifce.edu.br);

2 Graduando no curso de Licenciatura em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE/Quixadá), [lucas.lima.carneiro07@aluno.ifce.edu.br](mailto:lucas.lima.carneiro07@aluno.ifce.edu.br);

3 Graduanda no curso de Licenciatura em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE/Quixadá), [erika.samia.pereira61@aluno.ifce.edu.br](mailto:erika.samia.pereira61@aluno.ifce.edu.br);

4 Doutora em educação e professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE/Quixadá), [maria.freitas@ifce.edu.br](mailto:maria.freitas@ifce.edu.br).



O pensamento filosófico a respeito de pessoa que é apresentado por Kant, novamente traz o caráter racional como peça intrínseca, e que diferencia os seres humanos, por sentir desejo e propósitos da própria consciência. A interpretação é que os seres humanos tomam decisões com base no que pressupõem ser o correto (RACHELS, 2006). Em outra direção, o pensamento marxiano vai identificar que o trabalho é o campo de mediação entre o ser humano e a consciência (TONET; LESSA, 2004).

Nessa construção de um sistema do que é moralmente e eticamente correto, o homem pode ser suscetível à falsa impressão de superioridade, podendo vir a promover ações que ferem tanto fisicamente como psicologicamente aqueles considerados desfavorecidos e, portanto, inferiorizados. Analisando por esse prisma, podemos interpretar que o *bullying* surge nesse movimento de inferiorização e/ou negação do outro, assim também podemos pensar, como essa forma de violência é pouco debatida nas escolas, vistas que, pode ser um obstáculo a inclusão de alunos que possam fazer parte dos grupos sociais ditos “minorias”.

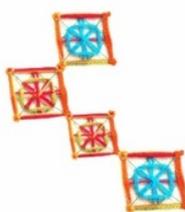
Habitualmente temos a família como o primeiro espaço de interação social do indivíduo; as vivências desse período moldarão sua formação futura, no qual influenciará seu desenvolvimento como um todo (PASSERINE; SOZO, 2008).

Após essa etapa inicial com a família, segundo Canivez (1991) a vida escolar é o próximo passo, dando continuidade ao processo de socialização da criança, dessa vez, fora do contexto familiar. Nessa fase, terão contatos com pessoas que não são membros da família, no qual estão sujeitas a um convívio com diferentes indivíduos, distintos entre si em aspectos objetivos e subjetivos. Tais diferenças também podem ser evidenciadas pelos aspectos econômicos, étnicos, religiosos e/ou de gênero, ou ainda dos elementos culturais que pertencem ao universo dos escolares.

Dessas diferenças podem emergir também os conflitos, que podem gerar violência no contexto escolar. Dado a essa problemática, entra em discussão também os valores da tolerância, do respeito e da empatia, como necessários para uma educação não-violenta. Por isso mesmo, que o Relatório Delors<sup>5</sup> (UNESCO, 1999), institui o aprender a conviver ou aprender a viver juntos, como um dos pilares da educação para o século XXI, como mitigadora de violência e propulsora de cultura de paz e cooperação entre os indivíduos.

Vale lembrar que a visão que permeia a UNESCO, bem como os demais organismos multilaterais que fomentam e organizam o Programa de Educação para Todos (EPT), de que a educação possui o alcance de reduzir as desigualdades sociais e promoção de uma cultura de

5 Esse relatório mais conhecido pelo nome de seu relator, Jacques Delors, foi realizado pela Comissão Internacional de Educação para o século XXI a pedido da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).



paz, mas não toca nas bases da violência, cuja violência escolar, é apenas reflexo das mazelas sociais.

A violência escolar nasce desses conflitos com o diferente e a negação da diversidade; como aponta Charlot (2002) se pode dividir em três graus: a violência caracterizada de fato; a incivildade, onde se inclui atitudes brutas ou vândalas e a violência institucional que é aquela praticada, visando atingir a própria instituição como um todo. Essa distinção é apenas como forma de expor um modo de pensar a respeito de violência escolar, podendo existir outros.

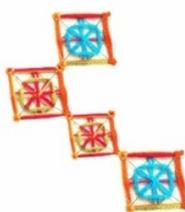
Dentre as formas de violência escolar, o *Bullying* é como aponta Oliveira e Barbosa (2012), um problema que tem causado bastante preocupação na esfera escolar ou ainda além da escola, uma vez que acaba por influenciar aos que sofrem de forma permanente, quase sempre nas formas de traumas ou transtornos.

Contudo, o reflexo do *Bullying* dentro da escola, traz a necessidade de se repensar as práticas diárias levando em conta os efeitos negativos que essa forma de violência provoca. As vítimas apresentam uma necessidade maior de atenção no quesito aprendizagem, pois geralmente apresentam um desempenho inferior aos que apresentava antes dos ataques, já que por muito sofrerem perseguições acabam se recolhendo, surgem barreiras a mais para serem enfrentadas no campo da aprendizagem.

Com os problemas evidentes que o *Bullying* provoca, as práticas a favor de uma educação inclusiva devem ser pensadas e ser uma constante preocupação das políticas públicas afirmativas e apropriadas para a educação escolar.

Diante disso, se objetiva a partir de uma análise da literatura a respeito do *Bullying*, refletir como essa forma de violência escolar tem persistido dentro das escolas, suas possíveis causas, efeitos e possibilidades para uma educação inclusiva no contexto escolar, visto que, essa prática tem sido uma barreira em relação à inclusão educacional.

Utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica sobre violência escolar e *Bullying*, assim como práticas educativas mitigadoras desse tipo de violência e de inclusão educacional em prol de uma educação não-violenta, as buscas foram realizadas na base de dados da SciELO, utilizando as seguintes palavras-chave combinadas: “violência escolar” AND “bullying”. Com essa estratégia de busca obteve-se assim, 65 artigos apenas na coleção Brasileira e idioma português, e após a leitura dos resumos resultou em um total de 9 artigos referenciados desse banco de dados. O restante das obras foram indicações relevantes encontradas em livros da área. Vejamos o que a literatura nos revela sobre o tema.



## **VIOLÊNCIA ESCOLAR E *BULLYING*: FACES DA MESMA MOEDA?**

As condutas por meio de todos os integrantes que formam uma instituição educacional, promovem para o aluno ferramentas essenciais a seu desenvolvimento como um todo, no entanto, conflitos podem surgir nesses meios e podem gerar violência.

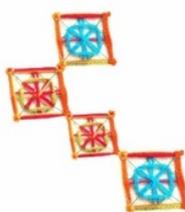
Com o intuito de definir violência, pensando além das diversas formas como a física, verbal e psicológica, vale o entendimento de Sposito (1998) para essa compreensão, onde ela a caracteriza como tudo aquilo que implica na ruptura de um nexos social, se valendo do uso da força. Ainda para essa autora o significado da palavra violência quando situado em paralelo com termos como indisciplina, pode acabar confundido a quem presencia (professores, funcionários, alunos, pais, entre outros) uma atitude violenta, implicando assim em uma banalização de tal situação.

Como tem pontuado Assis, Constantino e Avanci (2010), a violência escolar pode se expressar de diferentes maneiras: violência entre alunos, aluno contra professor, da escola e o professor contra o aluno, conflitos entre profissionais da educação, entre sistema de ensino contra a escola e o professor, e ainda, violência contra o patrimônio da escola; no entanto, daremos ênfase no cenário de violência entre os alunos.

Já a violência escolar, como aponta Lopes Neto (2005), é todo comportamento agressivo ou antissocial, que inclui problema de convivência com outros, vandalizar patrimônios, atitudes criminosas, entre outras. Tais situações podem estar ligadas a razões externas, e inibir isso nem sempre está dentro das competências da instituição de ensino, embora se espere que a solução parta do âmbito escolar.

As ideias representadas no artigo de Farrington (2002), mostram que o ápice da violência se dá na adolescência, então se espera que em faixas etárias dos 14 aos 17 anos as práticas violentas ou delituosas sejam mais frequentes dentro do ambiente escolar. O autor apresenta algumas possíveis teorias para que isso ocorra, onde pode ter uma relação com níveis de testosterona nos jovens do sexo masculino, ou ser devido mudança de rotinas, já que começam a conhecer coisas novas devido à mudança de idade.

O que se pode entender é que quando postas em paralelos podem ser contínuas, da agressividade infantil para a violência juvenil continuando daí para a adulta. Dentre as formas de violência escolar, o *bullying* e a preocupação sobre sua evolução e efeitos negativos, tem sido bastante discutido nas literaturas abordadas nesse artigo.



Definindo *bullying* na visão do precursor desses estudos, Olweus (1993) caracteriza como um conjunto de ações violentas exercidas contra uma ou mais pessoas, no qual acaba sendo repetidas práticas feitas por um ou mais indivíduos, podendo se tornar uma problemática maior, caso não tenha uma interferência externa. Ainda na visão desse autor, podemos definir como um comportamento intencional e agressivo contra uma vítima, em tal situação um sujeito se encontrará com uma autonomia de poder maior sobre os que estão recebendo as ações negativas, causando assim, nas vítimas, sentimento de vulnerabilidade e incapacidade de defesa.

A etimologia da palavra *bullying* é originada na língua inglesa e faz alusão a *bully*, que se pode interpretar como “valentão”, algo relacionado a maus-tratos ou violentar outras pessoas de forma constante por motivos irrelevantes, e a partir dessa sistemática se faz o *bullying* (ABREU et al., 2020).

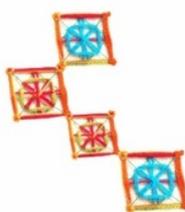
De acordo com Assis, Constantino e Avanci (2010), o *bullying* de forma direta ou indireta se define por três critérios, sendo o comportamento agressivo e intencionalmente prejudicial; o comportamento repetitivo (perseguição repetida); e o comportamento que está ligado a relação interpessoal assimétrica, no qual parte da dominação.

As práticas de *bullying*, de acordo com a literatura estudada, pode ser expressa sob as mais variadas formas, a partir disso, elaboramos um quadro-síntese para evidenciar as expressões que demonstram atitudes de violência, que podem indicar a prática de bullying, dessa forma, facilitar a identificação dos agressores, vejamos no quadro abaixo:

**Quadro 1-** Formas de expressar o *bullying* com base na literatura revisada

<b>Verbal</b>	<b>Físico e material</b>	<b>Psicológico e moral</b>	<b>Sexual</b>
Insultar	Bater	Irritar	Abusar
Ofender	Chutar	Humilhar/ridicularizar	Violentar
Xingar	Espancar	Excluir	Assediar
Fazer gozações	Empurrar	Isolar	Insinuar
Colocar apelidos pejorativos	Ferir	Ignorar, desprezar ou fazer pouco-caso	
Fazer piadas ofensivas	Beliscar	Discriminar	
Zoar	Roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima	Aterrorizar e ameaçar	
Desrespeitar	Atirar objetos contra a vítima	Chantagear/Intimidar	
		Dominar	
		Perseguir/Difamar	

Fonte: Elaborado pelos autores.



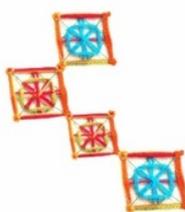
Após expor uma definição a respeito do que se trata a violência escolar e o *bullying*, cabe agora entender o espaço de cada uma dentro de uma sistemática social. A violência que existe no interior do ambiente escolar, tem relação com as formas física, psicológica e sexual e o *bullying*, note que esse último é nosso tema de estudo, e como já foi citado tem ganhado maior relevância em publicações acadêmicas, ele se apresenta como um desequilíbrio de forças com a intimidação de um indivíduo sobre outro, com as características do quadro anterior. Uma relação que se estabelece aqui é por ele ser uma forma de violência escolar e ter motivado bastante preocupação.

De acordo com a Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Educação (2018) a preocupação com o *bullying* no Brasil partiu de uma problemática onde pais, educadores, governos e toda a sociedade precisavam enfrentar. Nacionalmente hoje, temos, a fim de resguardar e proteger legalmente a todos contra o *bullying*, a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*); para esse dispositivo legal o *bullying* é entendido como: ataques físicos; insultos pessoais; comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas; isolamento social consciente e premeditado.

Outra lei que buscar validar as políticas de proteção é a Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018, onde é incluso a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Foi a partir dessa última regulamentação, que foi alterado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), a fim de estabelecer em seu artigo 12, que os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática, no âmbito das escolas e estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nesses ambientes.

## **EFEITOS DO BULLYING: DESAFIOS PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL**

Após discutir conceitualmente sobre as formas de violência escolar, especialmente o *bullying*, podemos conversar sobre seus possíveis efeitos, já desvelados e difundidos na literatura acadêmica sobre o tema. Tem sido crescente o número de estudos a respeito dos chamados efeitos a curto e longo prazo que o *bullying* pode causar (LOPES NETO, 2005; ALBUQUERQUE; WILLIAMS; D'AFFONSECA, 2013; OLIVEIRA, et al., 2018).



A preocupação com as consequências desse fenômeno se fez, tendo em vista que em um cenário de vítima, praticante da violência e aqueles que presenciam, para cada um desses, reagem de formas diferenciadas, também, a literatura indica que há resultados que podem ser observados quase que momentaneamente e outros que serão expostos futuramente.

Considerando o lado que mais se prejudica, as vítimas, podemos caracterizar os diversos efeitos negativos que podem acompanhá-las com base nos estudos de Silva (2015), como: sintomas psicossomáticos, que incluem cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração; Transtorno do pânico; Fobias como a escolar e a social; Transtorno de ansiedade generalizada (TAG), que acarreta em medos e inseguranças constantes; transtornos alimentares como anorexia bem como bulimia; Transtorno obsessivo-compulsivo (TOC); Transtorno do estresse pós-traumático (TEPT); a depressão, o que pode se agravar, caso não tenha o devido atendimento e atenção, em suicídio ou homicídio.

Em seu estudo Freire, Simão e Ferreira (2006) complementam o que foi exposto anteriormente. Esses autores percebem que uma vítima de *bullying* em comparação com uma pessoa que não passou por essa experiência, esses grupos tendem a apresentar comportamentos distintos: no primeiro caso, o indivíduo estará propenso a ter depressão e baixa autoestima, bem como problemas com a personalidade; enquanto no segundo caso essa tendência não foi percebida.

Analisando agora o que é apresentado na natureza dos praticantes do *bullying*, encontramos com base em algumas literaturas (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009; CHAVES; SOUZA, 2018; ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008) que a curto prazo, eles tendem a consolidação de uma conduta autoritária que implicará em consequências mais adiante, que pode ser representadas por dificuldades nos relacionamentos interpessoais, tendendo a ser antissocial, com características violentas; com isso, ao longo do tempo, pode se tornar predisposto a atos criminosos ou ao uso de drogas.

Para Chaves e Souza (2018) e Olweus (1993), os possíveis problemas para as testemunhas envolvidas nos atos, se caracteriza no medo de sofrer o mesmo, e isso também pode prejudicar o seu desenvolvimento acadêmico, ou ainda, posteriormente, apresentar problemas interpessoais.

Esses efeitos também se manifestarão na dimensão educacional dos indivíduos envolvidos. Essa é uma das preocupações levantadas em outros estudos, bem como nesse, tanto a violência escolar quanto o *bullying* provocam uma interferência na aprendizagem. O medo ou o abandono da escola, o atraso no avanço acadêmico ou baixo desempenho, a falta de confiança nos gestores, tudo isso fomenta um clima que desfavorece expressivamente a



aprendizagem. Ainda hoje, muitas escolas desconhecem a violência que existe em seus espaços ou não sabem lidar com essas situações.

No lema “educação para todos”, embora seja uma idealização aspirada por grande parte da sociedade, diz respeito à inclusão educacional e a percepção da educação escolar como um direito universal a cada pessoa, conforme expressa a Declaração Universal. No entanto, essa expressão e/ou discurso, esconde todos os riscos que existe em sua realização, como os problemas discutidos anteriormente. Dessa forma, esse ideal a ser perseguido pela escola, tem se constituído em mais um dos muitos desafios para a docência, através das necessárias práticas de uma educação inclusiva e de suas possibilidades.

Para o combate e prevenção da violência escolar, dentre elas o *bullying*, a escola precisa fornecer ambientes mais agradáveis e seguros para os sujeitos que nela estão inseridos. Ambientes que estimulem, o respeito, a tolerância, a autonomia e que sejam regidos de forma democrática e não-autoritária.

De acordo com Vieira, Mendes e Guimarães (2009), educadores, famílias e gestores em geral, podem trabalhar na construção de medidas preventivas, a escola antes de tudo, figura como o principal espaço de combate à violência na escola, além da participação familiar.

A incorporação de uma educação fomentada em meios não violentos, se torna difícil quando a escola não identifica as formas de violência. De acordo com Silva (2015), com o reconhecimento da existência de *bullying* das diferentes maneiras em que ocorre, se deve, a partir disso, comover toda a instituição a respeito dos prejuízos relacionados ao desenvolvimento socioeducacional e a estruturação da personalidade de seus estudantes.

A capacitação profissional, com a finalidade de lidar com o *bullying*, é defendida por vários estudos como os de Assis, Constantino e Avanci (2010), o de Silva (2015) e de Aguiar e Barreira (2017), os quais defendem que os professores se mostram os principais responsáveis por minimizar as práticas desse fenômeno negativo, seja pelo desconhecimento ou pela não identificação do fenômeno.

De acordo com a UNESCO (2019), desenvolver leis e políticas que protejam as crianças e os adolescentes da violência escolar e do *bullying*, contribui para aprimorar a gestão escolar e com isso se constrói um ambiente de aprendizagem. A troca de informação entre família e gestores, e esses por sua vez com os professores, podem entender a realidade do ambiente de ensino, logo ouvir a realidade dos alunos será possível elaborar programas e intervir de forma efetiva. No entanto, precisamos lembrar, que a violência externa a escola, também se reflete nesse ambiente.



Estimular que os alunos descrevam sobre suas vivências é fundamental. É interessante criar meios para documentar essas experiências, seja por diário, e-mails ou cartas escritas, mas em que sempre mantenha sigilo sobre quem faz os relatos. Incentivar para que não sofram de forma calada, porque é a partir dessa ciência que se pode tomar as medidas (OLIVEIRA; BARBOSA, 2012; SILVA 2015)

Dentre as práticas que promovam inclusão educacional, pode-se utilizar a interação grupal por meio de dramatizações, de jogos lúdicos, de trabalho em grupo, de grupos de estudo, de oficinas pedagógicas, de aulas dialogadas, de debates (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010). Práticas semelhantes são defendidas por Silva (2015), o qual aponta que os resultados são expressivos e quando bem implementado as mudanças aparecem em pouco tempo, os praticantes de *bullying* acabam por se conscientizar e passam a entender o que sofriam as vítimas.

No âmbito educacional, que se toma a maior responsabilidade quanto ao desenvolvimento social de crianças e adolescentes, o trabalho organizado aí junto a outros setores e entidades de interesse possuem a função de garantir aos envolvidos um espaço de aprendizagem livre de limitações como o medo da violência. É na escola que comportamentos podem ser modificados para melhor, assim tanto agressores e vítimas possam crescer sem amarras de possíveis traumas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises dos estudos a respeito da violência, especialmente do *bullying*, mostram a necessidade em se tratar desse tema no contexto da formação docente. Diversas pesquisas mostraram que é possível nas abordagens de crianças e adolescentes, práticas que mudem a sua realidade, no qual desconfigura todo o potencial que a violência apresenta, isso tudo implica na aprendizagem. Uma educação não violenta se faz ainda mais necessária e urgente atualmente.

Internacionalmente o *bullying* tem sido objeto de estudos a algumas décadas, no entanto, aqui no Brasil, as investigações são recentes, e ainda procuram mostrar a importância que se tem em debater esse fenômeno, como ocorre entre estudantes principalmente (OLIVEIRA, et al., 2016).

Nossas instituições de ensino carecem de políticas públicas que estejam presentes diariamente a fim de garantir o respeito aos estudantes. A escola é um espaço essencial para a formação humana, sobretudo para os filhos e filhas da classe trabalhadora.



De uma forma geral os autores indicam que o primeiro passo é assumir que o *bullying* existe e afeta negativa e diretamente os envolvidos, sobretudo, a vítima. Após entender isso, é preciso buscar estabelecer políticas e programas para amenizar seus efeitos nos envolvidos, bem como trabalhar a sua prevenção e combate. A escola possui como um dos seus papéis assegurar a aprendizagem, assim, se algo se opõe a esse papel, também é função da escola buscar eliminá-lo, ou pelo menos, reduzir seus malefícios.

Um ponto importante de destaque, é a violência externa, aquela que pode estar presente na vida das crianças e adolescentes; as vezes presenciando ou sofrendo violência, acabam por refletirem isso dentro dos ambientes educacionais. No Brasil a violência de forma geral cresceu 6% no último semestre, como aponta dados do G1 com base em informações dos estados, nem a pandemia freou isso. Dentre os grupos minoritários, como mostra a Agência Brasil, baseada em dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a violência contra pessoas negras foi a de maior avanço na última década, chegando a ter um aumento de 11,5% no número de homicídios. De acordo com diretora executiva do FBSP, Samira Bueno, no País hoje é o racismo estrutural que motiva esses resultados.

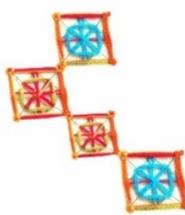
## REFERÊNCIAS

ABREU L.D.P.; TORRES R.A.M.; VERAS, K.C.B.B.; ARAÚJO, A.F.; COSTA, I.G.; OLIVEIRA G.R. Web Radio: educational nursing care technology addressing cyberbullying students' statements. **Rev. Bras Enferm.** 2020;73(4):e20180872. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n4/0034-7167-reben-73-04-e20180872>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

AGUIAR, L. G. F.; BARRERA, S. D. Manifestações de Bullying em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, nº 3, p. 669-682, set. 2017. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000300669&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000300669&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

ALBUQUERQUE P.P.; WILLIAMS, L.C.A.; D’AFFONSECA, S.M. Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica. **Psic.: Teor. e Pesq.** 2013; 29(1):91-98. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722013000100011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722013000100011&script=sci_arttext&tlng=pt) Acesso em: 28 de ago. 2020

ALMEIDA K.L.; SILVA A.C.; CAMPOS J.S. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Rev Pediatr.** 2008; 9(1):8-16. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%2011.pdf>>. Acesso em: 28 de ago. 2020.



ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q., (orgs). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores (pp. 95-119). Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010.

BARROS, P. C.; CARVALHO, J. E.; PEREIRA, M. B. F. Um estudo sobre o bullying em contexto escolar. Anais do IX Congresso Nacional de Educação EDUCARE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. 5738 – 5757.

BLACKBURN, S. Dicionário Oxford de Filosofia. Tradução: Danilo Desidério Murcho et. al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. Presidência da República. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: **Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015.**

BRASIL. Lei n. 13.663, de 14 de maio. de 2018. *Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.* Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, maio. 2018.

BOND, L. Atlas da Violência: assassinatos de negros crescem 11,5% em 10 anos. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>>. Acesso em: 30 de ago. 2020.

CANIVEZ, P. Educar o cidadão? Campinas: Papirus, 1991.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias. Porto Alegre, ano 4, no 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

CHAVES, D. R. L.; SOUZA, M. R. de. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 23, e230019, 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782018000100214](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100214)>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FARRINGTON, D. P. Fatores de Risco para a violência juvenil. **In:** DEBARBIEUX, Eric; Blaya, Catherine (Orgs.) Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002. p. 25-57.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. Revista Portuguesa de Educação, 19(2): 157-183, 2006.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p. s164-s172, novembro de 2005. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s002175572005000700006&script=sci\\_abstract&tlngpt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s002175572005000700006&script=sci_abstract&tlngpt)> Acesso em: 28 de ago. 2020.



Mesmo com quarentena, Brasil tem alta de 6% no número de assassinatos no 1º semestre. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/08/21/mesmo-com-quarentena-brasil-tem-alta-de-6percent-no-numero-de-assassinatos-no-1o-semester.ghtml>>. Acesso em: 30 de ago. 2020.

OLIVEIRA, J. C; BARBOSA, A. J. G. Bullying entre estudantes com e sem características de dotação e talento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 25, n. 4, p. 747-755, 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-79722012000400014&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-79722012000400014&script=sci_arttext)>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

OLIVEIRA, W. A. de et al. Associações entre a prática do bullying e variáveis individuais e contextuais na perspectiva dos agressores. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2939.pdf>>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

OLIVEIRA, W. A. de et al. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 751-761, Mar. 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232018000300751&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232018000300751&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 28 de ago. 2020

OLWEUS, D. Bullying at school: what we know and what we can do (understanding children's worlds). Wiley-Blackwell, 1993

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Tradução: Petersen, Evelyn. Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. Brasília (Representantes UNESCO no Brasil): 2019.

PASSERINI, J.; SOZO, M. H. A influência da família no desenvolvimento emocional de crianças sob situação de risco: um olhar da terapia ocupacional. Universidade Católica de Goiás, 2008.

RACHELS, J. Os elementos da filosofia moral. Trad. Roberto Cavallari Filho. São Paulo: Manole, 2006.

SILVA, A. B. B. Bullying: mentes perigosas nas escolas. 2.ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, J. L. et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, n. 3, p. 1085-1091, maio de 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt\\_0034-7167-reben-71-03-1085.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt_0034-7167-reben-71-03-1085.pdf)>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. São Paulo. Caderno de Pesquisa: Revista de estudos e Pesquisa em Educação, n.104, p. 58-75, 1998.

TONET, I.; LESSA, S. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão popular, 2004.

VIEIRA, T. M.; MENDES, F. D. C.; GUIMARAES, L. C. De columbine à virginia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 493-501, 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722009000300021&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722009000300021&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 28 de ago. 2020.